

UMA BELEZA MUITO EXÓTICA: tecnologias de si a partir dos cabelos que não tiram férias

Leonardo Nolasco-Silva¹

Caroline Cabral²

Alinhavamos esse texto com os fios da *escrevivência* (EVARISTO, 2016) de Paloma Monteiro, 26 anos, pedagoga formada pela UERJ. Juntamos aos fios dela, os nossos, de espessuras e tonalidades distintas, quarados sob o sol dos nossos interlocutores teóricos. Somos mulher preta e homem branco, cisgêneros, misturados na escrita, mas desigualmente alocados na sociedade. Escrevemos, pois, no *intermezzo* da diferença, desejando alargar os *espaçostempos* de fronteira. Enredamos nossas redes nas redes trançadas por Paloma e a trama que deriva disso “*é um pouquinho de Brasil iaiá*”³.

Quando eu comecei a faculdade eu tinha o cabelo alisado, tinha um estilo diferente, uma forma de pensar diferente. Depois, com o tempo, eu decidi – inicialmente por uma questão estética – assumir o cabelo natural. É sempre uma pressão estética. Você fica naquela: “Ah, vou deixar meu cabelo natural, vou ter que cortar curtinho. Mas como fica a minha imagem?”



Em *espaçostempos* de Cibercultura (SANTOS, 219), constituídos na centralidade da imagem dada ao consumo, não é simples produzir subjetividades que sirvam de contraponto às tentativas de modelização capitalística (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Os processos de assujeitamento produzem corpos desejáveis, esteticamente aceitos e socialmente dóceis (FOUCAULT, 2004). Ao mesmo tempo, indicam quais são os corpos desimportantes, os que não são dignos de luto (BUTLER, 2019), pois tecidos na precariedade das subalternidades. Para se afastar do corpo abjeto, somos convencidos a reduzir nossos corpos à mimetização do

¹ Doutor em Educação (UERJ) e em Literatura Comparada (UFF). Professor adjunto da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Cibercultura, Educação e Narrativas Audiovisuais (CENA). Colíder do Grupo de Pesquisa Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença (CUNADI).

² Graduada em Pedagogia pela UERJ. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cibercultura, Educação e Narrativas Audiovisuais (CENA).

³ Referência ao verso da canção ‘Isto aqui, o que é?’, de Ary Barroso.

corpo ideal, mesmo que para isso seja necessário romper com as nossas querências, com os nossos pertencimentos de ancestralidade, até mesmo com o nosso juízo acerca do belo.

Por mais que você tenha um cabelo todo estragado, mas o cabelo está alisado – e o liso, esteticamente, parece mais agradável pra todo mundo – tá tudo certo. Eu sempre tive problema com o meu cabelo, desde novinha. Daí, quando eu resolvi assumir o meu cabelo natural, quando eu resolvi me assumir, isso causou um certo impacto nas pessoas.

“O que aconteceu com o seu cabelo?” - Em tom de espanto, essa foi a pergunta ouvida pela coautora do presente capítulo, na primeira vez que chegou em uma escola para dar aula. O coração disparou e sentiu como se todos estivessem olhando para ela. Os atravessamentos das experiências de ser uma estudante preta e a possibilidade de repetição dos ciclos de racismo recreativo como professora a desesperavam. Corria para a sala de aula, o mais rápido possível. Quando fechava a porta da sala, era como se tivesse vencido uma batalha. Como criar tecnologias e metodologias de (re) existência sendo uma educadora preta? A manutenção do privilégio racial branco informa a necessidade de dialogarmos acerca do processo de produção das subjetividades pretas, enquanto potências. Nas palavras de Conceição Evaristo: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos mais injustos” (EVARISTO, 2007). Problematizar práticas racistas, longe de ser vitimismo, é condição primordial para se revisar os modos como a branquitude se produz e se perpetua em posições de privilégio.

Então, eu deixei o cabelo crescer um pouquinho e, depois, cortei bem curtinho. Na época eu estagiava numa escola do município. As crianças olhavam pra mim e diziam: “tia, tá estranho o seu cabelo. O que aconteceu com seu cabelo?”.

O diferente, percebido como O OUTRO, bagunça as lógicas que nos fazem desejar caber no metro-padrão. Para Deleuze (1986), assim são produzidas as maiorias. A maioria é um padrão vazio, a maioria é ninguém. Todos seríamos minorias se não agissem sobre nós as forças dos assujeitamentos.

Mas eu estava tão decidida a me assumir, que pra mim foi tranquilo. Eu ouvi algumas críticas, mas a maioria das coisas que me falavam eram coisas boas.



Junto com a questão do cabelo, veio a questão da culpa, veio a questão da aceitação da identidade. Você vai tendo uma visão de mundo diferente.

O direito à diferença corresponde à luta pela subjetividade. As formas de sujeição irão tentar ligar o indivíduo a uma identidade sabida, conhecida e definitiva, de modo que internalizamos

tal demanda como se ela fosse nossa (DELEUZE, 1991). Quem eu sou? Por que não me aceitam do jeito que eu me apresento? Por que eu não sou capaz de corresponder às expectativas do outro?

A maioria das meninas que resolveu assumir o cabelo teve uma mudança social muito grande. Do ponto de vista do estudo, do conhecimento da causa.

Não se trata apenas de mudar o cabelo, mas de alargar as possibilidades de existência. Trata-se de conhecer as histórias das opressões que subalternizam as negritudes e, conhecendo-as, trata-se de enfrentá-las e vencê-las, em microrrevoluções moleculares.

Depois da transição capilar, eu estagiei no município por dois anos. Até então, eu estava num universo de crianças que tinham uma estética semelhante a minha. Eu tenho um vídeo, de uma menina negra, que tinha um cabelo crespo e que um dia foi pra escola com uma xuxinha. Ela colocou a xuxinha e falou: “Tia, eu vim com um *black* igual ao seu. Botei essa xuxinha porque queria um turbante”.

As opressões estruturais se interseccionam numa dança que sufoca as subjetividades. A ideia de empoderamento é a força que aponta no sentido da emancipação política e social (BERTH, 2018). Um respiro! “*A carne mais barata do mercado não tá mais de graça, o que não valia nada agora vale uma tonelada, a carne mais barata do mercado não tá mais de graça*”⁴. A estética, quando derivada de uma escolha ética e política, é uma prática de existência e de escrita de si (RAGO, 2013). A subversão das danças decoradas e a (re) invenção dos passos nos garantem novos ensaios-enfrentamentos de (re) existências. “*A mulher de dentro de cada um não quer mais silêncio*”⁵.

Aí, é quando você começa a se tornar uma referência para outro. Porque eles têm essa questão com o cabelo liso. Todos nós temos essa questão com o cabelo liso, com o cabelo louro. Então, quando a criança vê uma professora que está ali, com ela, no dia a dia, e ela é semelhante a você, você se identifica, né? A questão da representatividade é muito importante.

O embranquecimento das instituições faz parecer que a presença de pretas e pretos em postos de destaque é da ordem da exceção, do exótico. O *racismo institucional* é um mecanismo que opera nos cotidianos das instituições e perpetua marginalizações históricas. Ele nega aos corpos pretos pertencimento social e os constitui como grupos minoritários. Mulheres negras estão localizadas em encruzilhadas de opressões que tornam muito mais dolorosa a ascensão econômica e a disputa pelos *espaçostempos* de poder.

Depois que eu saí desse estágio, eu fui pra uma escola particular. Eu já estava muito bem resolvida com o meu cabelo, com a minha estética. Mas, como a escola era muito tradicional, eu achei que teria problemas. Na primeira reunião que tive com o diretor, ele virou pra mim e perguntou: “Que cabelo é esse? É cabelo de férias ou é assim mesmo?” Na época eu não sabia o que era

⁴ Referência ao verso da canção “A Carne”, cantada por Elza Soares.

⁵ Referência ao verso da canção “Dentro de cada um”, cantada por Elza Soares.

‘cabelo de férias’, mas já imaginava. Eu falei: “Não, meu cabelo é assim mesmo”. Ele disse: “Ah, bonito”. Acho que ele não gostou muito.

A aceitação da diferença, muitas vezes, está condicionada a um tipo de acordo nem sempre verbalizado, mas que se faz presente de múltiplas formas, pautado na ideia de assimilação: eu deixo você usar o cabelo que você quiser na sua vida, mas no trabalho você precisa anular esse cabelo: prende, alisa, cobre com lenço, disfarça, não imponha a sua diferença em nossos *espaçostempos* de uniformes. Assimile as nossas regras e nós assimilamos a sua diferença, desde que não a vejamos sempre ou tão claramente.

Depois eu entendi que ‘cabelo de férias’ era porque, quando as crianças não estavam na escola, os professores iam mais à vontade, com cabelo diferente, com roupa diferente. Ele estava perguntando se o meu cabelo era assim naturalmente ou se eu só usava aquele cabelo em momentos em que eu não estivesse trabalhando. Mas era o meu cabelo. E era uma escola particular onde a maioria das crianças não tinha o cabelo crespo.

A produção dos corpos é um exercício de encenação diária que tentam justificar como natural. Buscam ocultar as tecnologias que participam dessa feitura cotidiana, mas diante dos corpos desviantes, insurgentes, ameaçadores das normalizações, recomendam a esses corpos que se *desnaturalizem*, que se *refabriquem*, de modo a não tornarem tão visível a presença incômoda do OUTRO, nesses *espaçostempos* historicamente pensados para perceber o OUTRO apenas em postos de subalternidade.

Eu trabalhei em duas escolas e a questão do cabelo sempre foi muito presente. Há pouco tempo eu coloquei trança. E as crianças: “Tia, hoje tá horrível o seu cabelo”. “Não gostei do seu cabelo”. Mas também tem aquelas que elogiam. E aí eu aproveitei pra falar com eles sobre o respeito com o corpo do outro. Porque eles queriam tocar, mexer, opinar. A gente não pode tocar no outro sem perguntar se pode tocar. Eu falei: “Primeiro, eu quero que vocês me perguntem se podem tocar no meu cabelo. Se eu deixar, vocês podem tocar. Se eu não deixar vocês precisam respeitar a minha escolha”. Porque quando chegam pra elogiar o meu cabelo é assim: “Posso ver seu cabelo?” “Você tem uma beleza muito exótica”. “Seu cabelo é muito diferente”. “Posso tocar?”. As crianças têm muito isso, de querer tocar, de saber como é, aquela coisa de sentir. Porque elas não têm essa referência do cabelo crespo.



Os cotidianos das escolas produzem *conhecimentossignificações* mesmo fora do horário ou do roteiro das aulas. Situações como esta, narrada por Paloma, compõem as micropolíticas cotidianas de expansão da vida e ajudam a encarar a diferença como produção constante e positiva de mais vida, de outras subjetividades, de novos modos de habitar o mundo. Ao mesmo tempo, denunciam a arbitrariedade das normas, a precariedade das imposições identitárias e as violências cometidas quando se pretende controlar o corpo do outro, visto como indesejável, abjeto, inconforme.

Às vezes, as pessoas opinam sem perguntar se você quer ouvir a opinião delas. Se eu quiser ouvir uma opinião, eu pergunto: “O que você achou do meu cabelo?” E eu falei isso pras crianças: “Olha, se você chegar aqui com o seu cabelo cortado, com uma cor diferente, eu não vou falar que está ruim ou que está feio se você não me perguntar o que eu achei do seu cabelo. A gente precisa ter cuidado, ter respeito com o que se fala pro outro”. E eles entenderam.



Legitimar a existência do OUTRO, partindo da ideia de que todos podemos ser o OUTRO de alguém, é uma prática revolucionária. O conhecimento combate as ignorâncias e, quando passam pelo corpo, criam identificações, empatias, pertencimentos e também entendimentos acerca do que sentimos, do que queremos, de como formulamos as noções de beleza, de feiura, de desejo, de repulsa.

Uma vez, eu participei de um projeto numa escola, uma oficina de turbantes que eu fiz pras crianças. Fiquei pensando numa forma de falar sobre o turbante na vertente africana, para que eles entendessem o que aquilo significava pra cultura. Então, eu criei uma personagem que se chamava Quênia. Foi uma semana de muito amor, as crianças adoraram. Os meninos e as meninas colocaram turbantes e entenderam um pouco da cultura, da história do turbante.

A produção dos corpos deriva da feitura da própria sociedade e ambos os processos são pautados em atos de violência que querem fazer parecer naturais. A beleza de uma mulher preta só é rotulada de exótica para normalizar o que dizem ser a beleza natural de uma mulher branca, tida como o metro-padrão. Mas, é preciso sublinhar, belezas exóticas não podem existir aos montes nos cotidianos, pois colocam em risco a linearidade da estética *instagramável*.

Um dia, eu estava indo trabalhar e, em frente à escola, passou um homem de carro – um homem branco, devia ter uns 50 anos – e gritou: “Cabelo feio da porra!”. Eu estava em frente à escola onde eu trabalhava. Na hora eu fiquei parada, sem saber o que fazer. Eu fingi que não era comigo. E fui embora. E fiquei pensando no quanto as pessoas se sentem no direito de falar o que querem sobre as outras, sem pensar no que aquilo pode causar. Aquele homem quis me ofender sem saber quem eu sou, sem saber qual é a minha história, sem saber se aquilo poderia interferir de uma forma negativa na minha vida. O processo de transição capilar é doloroso, é difícil. Você está acostumada a se ver de uma forma, com o cabelo alisado, dentro de um padrão. Aí você se revela natural, de uma forma que você nunca foi. Mas eu já estava decidida a ser quem eu era.



Pro ensaio, eu quis trazer uma roupa mais formal, toda preta. E uma peruca com o cabelo alisado. É pra mostrar o luto diante de quem eu era antes. Essa não sou eu, de fato. Eu sou colorida, com acessórios, turbantes e tudo mais. Eu quero mostrar meu antes e depois nessa história.

Se reconhecer enquanto mulher negra, é um caminho muito complexo e muito importante. A compreensão dos diferentes fenótipos e das diversas tonalidades de pele torna a aceitação da negritude um processo permanente. A leitura social desse corpo que é claro demais para ser preto, mas não tão claro para ser branco oscila entre a passabilidade e a interdição. Quando Paloma alisa os cabelos, é elogiada. Quando os trança ou os assume crespos, é criticada e aconselhada a não mexer no que já era bom.

As professoras que trabalhavam na minha escola, também olhavam torto pras minhas tranças. Se eu aliso o cabelo, eu tô no padrão. Mas se eu uso um laço, uma trança, um *black*, eu chamo muita atenção. Uma professora chegou pra mim, quando eu tirei as tranças, e falou: “Você tá bem melhor assim. Seu cabelo está ótimo desse jeito. Você estava estragando o que já é bom”.

Cabelo bom, cabelo ruim. Cabelo de branco, cabelo de preto. Essas noções que permeiam o imaginário social afetam profundamente o modo como as pessoas pretas enxergam os traços da sua negritude. Na infância, brinca-se com bonecas brancas de cabelos lisos e claros. Na juventude, vê-se estampada nas capas das revistas sempre a imagem de uma mulher branca, jovem e, geralmente, loura. No cinema e na televisão, as mulheres bem sucedidas e mais desejadas não são pretas, nem têm cabelos crespos. Nos dias de hoje, nas redes sociais online, os perfis mais seguidos e mais premiados pelo mercado publicitário, ainda são representados por pessoas brancas. Muitas são as tecnologias de assujeitamento e de controle que produzem corpos pretos descontentes com a sua cor, com as suas formas e, não raramente, desconhecedores de sua própria negritude.

Alguns corpos ocupam um não-lugar ou, quando muito, *espaçostempos* de fronteira. No Brasil, isso está ligado a um intenso processo de miscigenação, promovido por um Estado racista, defensor das políticas de branqueamento. Tais políticas estavam assentadas no que se produziu no Primeiro Congresso Internacional das Raças, realizado em Londres no ano de 1911. O objetivo foi legitimar a hierarquia branca e a política de higienização biológica da população, fazendo com que pessoas negras desaparecessem - no caso do Brasil - em até 100 anos.

Antes de assumir meu cabelo, eu nunca tinha me identificado como negra. Depois que eu assumi o meu cabelo natural, essa questão passou a ser uma

pergunta retórica pra mim. Algumas pessoas me enxergam como negra, outras não. E eu carrego um dilema dentro de mim, porque eu não sei qual é o meu espaço ainda. Alguns amigos já me disseram coisas como: "Noutro dia, um amigo me viu conversando com você e disse que eu estava conversando com uma menina negra. Achei engraçado".



A perpetuação dessa ideologia, ancorada numa pretensa defesa nacionalista, ainda faz adeptos nos dias atuais. A política de extermínio dos corpos pretos segue seu curso. A negritude está localizada em encruzilhadas de violências físicas, simbólicas e epistemológicas que insistem em matar corpos, culturas, memórias e subjetividades. Como se tornar uma pessoa negra numa sociedade que, historicamente, nos ensina a negar qualquer estética diferente da branquitude? Como expandir o debate em torno do colorismo e das variadas formas de apresentação e vivências das negritudes?

Considerar ou não a negritude em mim, da forma como eu acredito, passa por reconhecer os meus benefícios por ter a pele mais clara, apesar do meu cabelo e do meu nariz. Eu nunca tinha sido discriminada antes de assumir o cabelo. Meu pais são como eu. A pessoa negra mais próxima da gente era a minha avó paterna, já falecida. Minha avó negra, meu avô descendente de alemão. Meu avô tinha a pele e os olhos claros. Já o meu avô materno tem algo de indígena e minha avó materna tem a pele clara. Minha mãe tem a pele da minha cor e tem um cabelo praticamente liso, com umas ondas. O meu pai tinha a pele branca, os olhos quase claros – um mel esverdeado – e o cabelo crespo. E eu me pareço com ele, fisicamente – tirando a parte dos olhos.

Por mais contraditório que isso pareça, é preciso sinalizar no debate em torno do colorismo, que as desigualdades sobrepostas criam uma espécie de escala entre os corpos não brancos, de modo que, muitas vezes, as negritudes se embranquecem ou (quase) passam despercebidas. Contudo, o Estado racista não nos deixa esquecer quem são as pessoas pretas - *“80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo”*⁶. No plano da produção das subjetividades, porém, as políticas de embranquecimento são tão eficazes que ser negro ou negra torna-se uma estética de existência, uma gestação de um corpo-consciência.

É difícil responder "sim" ou "não" a essa pergunta (sobre ser uma mulher preta). Até a questão da cantada (ou do assédio), na rua, mudou. Antes me chamavam de loura, lourinha. Agora, com o cabelo crespo, mesmo que ele tenha exatamente a mesma cor clara, que é a cor natural dele, me chamam de morena, de preta.

⁶ Referência ao verso da canção ‘Ismália’, de Emicida.



Tudo mudou depois que eu mudei o cabelo. Eu passei a enxergar o mundo de outra forma, a entender a questão racial, o racismo, a militância. Mas, quando eu falo sobre racismo, sobre discriminação, eu evito tocar na questão da cor. Eu me sinto desconfortável, por todas essas questões. Então, eu falo só do cabelo que, na minha experiência é, de fato, o foco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam:** Os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

DELEUZE, Gilles. Entrevista concedida por Deleuze à Claire Parnet, em 1986. Disponível em: <https://youtu.be/-ln2A0fkA78>. Acesso em 16-11-17.

_____. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Conceito de Escrevivência.** Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso: 25/04/21.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologias de si, 1982.** Verve, 6: 321-360, 2004.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MOREIRA, Adilson. **O que é racismo Recreativo?** São Paulo: Sueli Carneir; Pólen, 2019.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-Formação na Cibercultura.** Teresina: ED: EDUFPI, 2019.

